

Demografia

Quase 300 cidades do RS perderam população

Das 497 cidades gaúchas, 289 registraram redução no número de habitantes entre 2010 e 2022

Ana Stobbe e Gabrieli Silva

Um dos grandes desafios para o desenvolvimento do Rio Grande do Sul é crescer em um contexto de envelhecimento da população e redução na velocidade de crescimento no número de habitantes.

Diferentemente dos outros estados da Região Sul do País, o RS teve crescimento demográfico inferior à média nacional, conforme os Censos do IBGE dos

anos 2000. Enquanto a população gaúcha aumentou 1,85% entre 2010 e 2022 (mais recentes Censos realizados), o Brasil ampliou em 6,5%. Há dois grandes fatores que explicam esse resultado: a taxa de fecundidade, que calcula a média do número de filhos por mulher, é baixa e o saldo migratório é negativo.

Nesse cenário, 289 dos 497 municípios do Rio Grande do Sul perderam população entre 2010 e 2022, o equivalente a 58,2% das cidades gaúchas.

“Historicamente, há uma redução expressiva da população rural. Em 1970, mais de 3 milhões de gaúchos viviam no campo, o que era quase metade

da população. Em 2022, são menos de 1,5 milhão, representando cerca de 14% dos habitantes”, avalia o diretor adjunto do Departamento de Economia e Estatística (DEE) da Secretaria Estadual de Planejamento, Governança e Gestão, Pedro Zuanazzi.

Diante dessa reconfiguração, quem se favoreceu foram as cidades médias, entre 100 mil e 300 mil habitantes, que oferecem melhor estrutura de serviços.

Outro fator de atratividade é a indústria: das 10 cidades com o maior Valor Adicionado Bruto da Indústria (VAB Industrial), apenas duas (Porto Alegre e Rio Grande) tiveram perdas

populacionais. “A indústria é mais intensiva em mão de obra e tende a oferecer melhores salários”, acrescenta o pesquisador.

No caminho inverso, municípios do Litoral Norte ganharam habitantes. Entre os 10 que mais cresceram no Estado, seis estão na faixa litorânea, com destaque para Imbé (51,8%), Capão da Canoa (51,2%), Arroio do Sal (42,7%) e Balneário Pinhal (37,7%).

A Região Metropolitana, por sua vez, tem dinâmicas demográficas diversas entre seus municípios. Porto Alegre, Viamão e Guaíba, por exemplo, perderam habitantes. Por outro lado, cidades do entorno ganharam,

incluindo Cachoeirinha, Gravataí e São Leopoldo.

A Macrorregião Norte tem atraído residentes, principalmente para as cidades-polo. Entre elas, Passo Fundo, Erechim e Santa Rosa. Por outro lado, a Região Sul tem perdido população. A falta de diversificação econômica e a menor oferta de serviços como saúde e educação pesam na balança.

A Região da Serra, por sua vez, tem crescido. Especialmente, nas Hortênsias. Já a porção Central do Estado é a última no ranking de participação de PIB e de número de habitantes, embora três dos seus Coredes tenham crescido sua demografia.

Crescimento populacional da Região Norte do RS é mais acelerado do que a média gaúcha

Enquanto o Rio Grande do Sul registra crescimento tímido em sua população entre 2010 e 2022, a Macrorregião Norte amplia sua demografia de forma mais acelerada. No mesmo período, os 11 Coredes (Conselhos Regionais de Desenvolvimento) da Macrorregião, somados, aumentaram em 2,21% o número de habitantes.

A alta na população coloca a Macrorregião Norte como uma das áreas mais estáveis do Estado do ponto de vista demográfico. Afinal, mesmo com perdas em municípios pequenos, há crescimento em cidades-polo.

“Essa parte do Estado tem uma renda média mais alta e características que a aproximam de Santa Catarina. Há predominância de pequenas propriedades rurais, com alta intensidade

de mão de obra, assim como um maior grau de industrialização”, pontua Pedro Zuanazzi, do DEE.

Assim, a estrutura econômica diversificada, combinando agricultura, indústria e serviços, tem permitido o dinamismo populacional regional. E essa tendência se mantém apesar da desaceleração demográfica estadual. Entretanto, é possível observar que, enquanto municípios médios e grandes da região crescem, os pequenos — a maioria — estão reduzindo seus tamanhos.

“Não há motivo para imaginar que a tendência (de crescimento da Região Norte) dos últimos anos vá mudar. Mas é importante fazer distinções. É uma área economicamente pujante, porém, abriga muitos municípios pequenos, tanto em área quanto em número de habitantes.

Isso faz com que, no conjunto, a maior parte deles não apresente crescimento populacional, mesmo com boa renda média”, acrescenta Zuanazzi.

É por isso que o crescimento populacional dessa porção do Estado está concentrado em cidades-polo, tendo destaque municípios como Passo Fundo (+11,5%), Erechim (+9,9%), Santa Rosa (+31,3%), Frederico Westphalen (+13,1%) e Ijuí (+7,4%).

Ao todo, apenas 69 dos 221 municípios da Macrorregião Norte aumentaram o número de habitantes. Esse cenário segue uma tendência estadual, que relaciona força econômica, especialmente nos setores industrial e de serviços, e atratividade de moradores.

No Norte, há uma intensa industrialização, caso dos

Principais cidades com crescimento populacional

Censos de 2010–2022

- 📍 Santa Rosa **+31,3%**
- 📍 Tapejara **+27,5%**
- 📍 Marau **+24%**
- 📍 Frederico Westphalen **+13,1%**
- 📍 Passo Fundo **+11,5%**
- 📍 Erechim **+9,9%**
- 📍 Ijuí **+7,4%**

Municípios com maiores perdas populacionais

Censos 2010–2022

- 📍 Cruzaltense **-23,6%**
- 📍 Itatiba do Sul **-23%**
- 📍 Coronel Bicaco **-20,7%**
- 📍 Charrua **-20,2%**
- 📍 Porto Lucena **-19,5%**

FONTE: IBGE



Cidades-polo, como Erechim, no Corede Norte, concentram o aumento demográfico na área setentrional

segmentos metalmecânico, alimentício e tecnológico. As cidades que mais cresceram abrigam universidades, hospitais de referência e redes de comércio e transporte que atraem moradores das cidades menores.

“Crescimento populacional e econômico andam juntos na região. Passo Fundo, por exemplo, cresceu mais de 20% entre 2000 e 2024, impulsionada pelo setor de serviços e pela sua posição como polo logístico e educacional”, pontua Zuanazzi. A presença de universidades, nesse contexto, tem papel decisivo na retenção de jovens e na qualificação da mão de obra.

O mesmo mapa que mostra polos em expansão também revela perdas nos pequenos municípios rurais do Norte. Cruzaltense (-23,6%), Itatiba do Sul (-23%), Coronel Bicaco (-20,7%) e Charrua (-20,2%) estão entre os que mais perderam população no período. A explicação, segundo

o especialista do DEE, passa pela redução de postos agrícolas, envelhecimento da população e êxodo jovem.

Dentro da macrorregião, há uma clara polarização demográfica: enquanto cidades médias de perfil industrial e universitário crescem, municípios agrícolas encolhem. Assim, o Corede Produção (que abrange Passo Fundo) registrou aumento de 22,7% entre 2000 e 2024, segundo projeções do IBGE, enquanto o Corede Norte (que contém Erechim) cresceu 1,3% no mesmo período.

Essa concentração populacional cria microrregiões de influência e aumenta a pressão sobre a infraestrutura urbana. É aí que os dados censitários atuam. “Qualquer política pública precisa de base demográfica. Seja para enviar vacinas, investir em escolas ou planejar estradas, é fundamental saber onde as pessoas vivem e para onde estão indo”, afirma Zuanazzi.